



Suas Magestades e Altezas
passam sem novidade em suas
importantes saudes.

Sua excellencia o sr. conde
de tomar passa sem novidade
em sua importantissima saude,
e ainda não partiu para Ma-
drid.

Pois não partistes?

PARTE OFFICIAL.



Atendendo á admiravel coragem e
firmeza, com que o moinho do alto
da Porcalhota se defendeu no me-
moravel dia 8 do corrente, contra
as formidaveis forcas quadrípedes,
commandadas pelo visconde de Fon-
te Nova, e querendo dar-lhe um
testemunho publico do quanto apreciamos a he-
roica resistencia que fez; havemos por bem de-
cretar o seguinte:

Artigo 1.º O moinho do alto da Porcalhota
é declarado benemerito da patria, conselheiro
de estado honorario, e cavalheiro da ordem de
Aviz.

Art. 2.º O dito moinho gosará das honras
de moinho parente.

Art. 3.º Fica revogada toda a legislacão em
contrario, sobre moinhos não fluctuantes.

Lisboa, rua do Moinho de Vento 16 de Ou-
tubro de 1848.

Os Redactores.

QUADROS DA PRAÇA DA FIGUEIRA,

DIÁLOGO ENTRE UMA CEBOLLA E UMA COUVE GAL-
LEGA.



A couve. — Então que é isso?
Estás triste, amiga cebolla,
não parecees natural da Porca-
lhota, terra para sempre heroica,
que teve a honra de ver o
ataque simulado mais glorioso
que tem existido nos annas dos
ataques. Depois do que nos di-
zem d'Aljubarrota, d'Ourique e
do Sallado, e mesmo de D. Quixote, ainda se
não pelejoug mais valorosamente. Haja regalo-
rio! Assobla lá a saloia: « Quero cantar. . . »

Cebolla. — Tu és uma couve ridicula, um le-
gume republicano, que nada entendes da alta
politica. Encaixam-te na panella, e ficas cozida
como tolla que és; depois os interesses materiaes
que soffram; que importa?

Couve. — Mas que tens, desenhucha.
Cebolla (assando-se). — O que tenho? . . .
Vejo o horizonte carregado, vejo o conde de to-
mar coberto das maiores injurias, aquelle heroe
com cara de nabiga arrastado pelas ruas d'amar-

gura; aquelle bahú de sciencia vilpendiado,
aquelle cebolla da humanidade, para dizer tudo
d'uma vez, insultado. . . Ah! qual será a na-
bica verdadeiramente Portugueza, que se lhe
não arripie a pelle na presenca de tanta atroci-
dade!

Couve (tomando uma pitada). — Bem bom,
bem bom, estás sentimental, carissima cebolla
. . . Deixa ir Portugal que vai n'um sino. . .

Cebolla (limpando uma lagrima). — E no
meio da miseria geral criam-se barões e duques
— fazem-se desatinos! Esta gente está douda!

Couve. — Douda, lhe chamas tu, está Padre
Marcos tem uma turca que se não pôde lamber.
A nobreza faz banca rota infallivel, são tantos
os credores que não chegam os titulos, e a hor-
talica toda não faz senão rir, porque ainda lhe
ha-de chegar a sua vez. Condecorações e baro-
nias estão ao par das notas. . . Será verdade
que vão dar aos que mais se distinguiram no
ataque da Porcalhota a ordem do nabo saloio?
Do sublime ao ridiculo não dista senão um pas-
so, disse o grande Napoleão. Já vês que não
sou tão ignorante da alta politica, como ha
pouco me dizias. Tenho até vontade de pedir. . .

Cebolla. — (Sorrindo maliciosamente.) Pede
uma panella de honra.

Couve. — (Subindo-lhe a côr ás faces.) Isto
não tem geito; deve acabar por uma vez. Hon-
tem converti dois espargos cabralistas, que pen-
diam para a parte do archo, e uma chicoria
comunista que estava levada do diabo querendo
ir visitar o Barbés. Trago agora d'olho no lugar
da Maria Francisca tres nabigas que me pôdem
ser de muita utilidade; ellas tem entrada em
certa casa, e então tu saberás o bom e o boni-
to. . . Se venço um molho de cenouras dou-
a em cheio. Queres ser dos nossos, cebolla?

Cebolla. — Não — a minha legenda é a do
Estandarte — carta e independencia nacional!

Boletim sanitario.



o domingo 8 do
corrente cahiu
perigosamente fe-
rido no alto da
Porcalhota um
moinho, pai de
numerosos moi-
nhos, e que resis-
tira com val-
lor á invasão dos
francezes. Col-
hemos os deta-
lhes do estado
do defunto, que
nos ministrou o
medico assistente.

Segunda feira. — O infeliz
moinho recebeu
doze ballas nas costas — e duas n'uma vella;
sobrevindo a gangrena foi mister amputa-la.

No dellrio da febre assobiava o hymno da
carta.

Terça feira. — O moinho passou uma noite
agitadissima; pediu para fazer testamento e de-
ixou por seu universal herdeiro ao sr. Euzebio
Candido, com clausula expressa das pedras gran-
das irem para o Rocio.

Ao Recta legou uma mó por analogia á sua
cabeça.

Quarta feira. — Não ha esperança de salvacão.
Os causticos e as ventosas são ja de nenhum
effeito.

Quinta feira. — A's cinco horas da madrugada
deste dia espirou o destemido veterano da liber-

dade — moinho da Porcalhota: até ao ultimo
extremo de vida portou-se como bravo militar, e
se succumbiu foi ao peso da artilheria, infantie-
ria e cavallaria.

Os quadrípedes perderam um inimigo temi-
vel, e Portugal um moinho escangalhado.

Os moinhos espathados pela superficie da terra
lhe sejam leves!

O CONDE DE TOMAR.



Estes ultimos quin-
ze dias tem sido
ferteis em grandes
acontecimentos; em
primeiro lugar ap-
pareceu Florido Ro-
drigues feito viscon-
de de Castelãs, e
logo depois teve lo-
gar o memoravel
combate da Porca-
lhota, seguiu-se-lhe
a nomeação de um
Leitão, pezado como
um porco para con-
selheiro de estado;
passeio de Sua Ma-

gestade a nossa adorada Rainha pela calçada
da Estrella; jantar no Campo Grande de alguns
quadrípedes, entre outros o invicto, o Traste-
imundo, e o espião Araujo. Comeram-se tre-
zentas queijadas, ventidou-se a questão da par-
tida do conde de tomar, e nada se decidiu. A
proposito desta partida; nós estamos persuadi-
dos que o valido não parte.

Ora aqui para nós, para que hade o nobre
conde partir? Não é elle uma das columnas do
throno, o seu maior sustentaculo, o homem que
mais ama a sua soberana? Nada, o conde de
tomar por esta vez não toma nada, fica, e deve
ficar, por isso mesmo que o mão de ferro quer
o contrario.

Realmente esta lueta entre o invicto e o conde
é divertida.

Hade partir.
Quero que parta.
Não quero eu.
É escandaloso.

Deixa-lo ser.
Falla-se muito.
Deixa-os fallar.

E a final não sabe o homem, e o negocio
continua.

Qual negocio?
O tal.
Qual?

Esse de que se falla,
O que nós vemos em tudo isto é que estamos
na torre de Babel, e que ninguem se entende,
no entanto a nossa opinião é que o conde deve
ficar, mesmo por pirraça.

O invicto não comprehende a situacão, aliás
não teimava, e deixava ficar o homem, se é por
causa do tal negocio, que o querem pôr na rua;
isso não vale nada, o que está feito está feito,
e o peor é mecher-lhe; viva amôr e chova arroz
e deixe o invicto andar o mundo como elle vai,
porque o não indireita, vá comendo a sua quei-
jada no Campo Grande, e deixe o conde de
tomar com a sua pirraça.

MALDIÇÃO.



Maldição sobre nós por que escrevemos o Supplemento e atacamos os quadrípedes.

Maldição sobre o Eusebio Candido, por que de accordo com o calista de Luiz Philippe, está calçando a praça de D. Pedró com castanha do Maranhão petrificada para nós fazer calos.

Maldição sobre os maridos que acompanham as mulheres aos banhos e as não deixam namorar.

Maldição sobre nabos, nabijas e mais legumes indigestos.

Maldição sobre as garras do Falcão que tudo empolgam.

Maldição, maldição sobre quem nos rouba para comprar palácios!

Maldição, maldição sobre os abutres que devoram Portugal!

Maldição sobre José dos Conegos, herdeiro das virtudes de Diogo Alves.

Maldição, coriscos, raios sobre as pomadas do Caldeirinha.

Maldição!... maldição!... sobre as mufas do reverendo Mercurio.

Maldição sobre as caras carissimas de mão de ferro.

Maldição sobre a perna torta do Traste-imundo, em quanto de novo se não indireitar.

Maldição, arrocho e agoa a ferver sobre os Araujos, Crispins e Carvalhos, dignos espiões, e sustentáculos da independência nacional.

Maldição, mil vezes maldição, sobre os sargentos dos batalhões que vem acordar a gente às 4 horas da madrugada, para que assente praça voluntariamente.

Maldição tremenda, maldição sobre todos os malditos.

Maldição sobre..... sobre.....

N. B. Por falta de typo não podemos continuar.

NOTICIA.

Parece que um inglez quizera comprar o molinho e a montanha do alto da Porcalhota, por 600,000 libras sterlingas.

O nosso governo restituiu valorosamente dando apenas um esbogo em *paperollé* daquelle celebre sitio.

Notícia importante:

Parece que a camara municipal vai mandar plantar arvores na calçada da Estrella para fazerem sombra; visto ser esta alameda o passeio lije mais da moda.

Editor responsavel — MANOEL DE JESUS COELHO.

LISBOA

NA OFFICINA DE MANOEL DE JESUS COELHO

Rua do Poço dos Negros n.º 54.

O CORDE DE TONAR.



GRUPO DE LADROËS.

Lith. Fancosa.